

# ARGUMENTAÇÃO NO DOCUMENTÁRIO *PÁTRIA EDUCADORA*, DA PRODUTORA BRASIL PARALELO <sup>1</sup>

*Robson Batista dos Santos Hasmann \**

*Gabriel Aragão de Carvalho \*\**

**RESUMO:** Analisamos sob o viés da argumentação o documentário *Pátria educadora*, criado em 2020 pela produtora Brasil Paralelo, com três episódios. Apresentamos o contexto em que a produção audiovisual surge. Verificamos inicialmente que o filme problematiza a estrutura educacional brasileira, aparentemente com o intuito de defender as ideias de grupos sociais denominados genericamente como “Nova Direita”. Para analisar os argumentos, foram selecionadas falas específicas, tanto do narrador quanto dos entrevistados, e reproduzidas. Foram observados apenas os aspectos verbais e, para tal, o fundamento teórico-metodológico baliza-se, prioritariamente, por Fiorin (2018). Com o recorte dos enunciados e a compreensão do contexto político à época de lançamento dos vídeos, é possível concluir que o documentário consolida as práticas de mobilização da chamada Nova Direita, as quais, naquele contexto, estavam assentadas nas mídias sociais. Além disso, é notável o apelo para que os espectadores (o auditório, de acordo com a retórica clássica e nova) adquiram produtos, em especial cursos livres via plataformas digitais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Argumentação. Retórica. Documentário. Nova Direita. Brasil Paralelo.

## ARGUMENTATION IN THE DOCUMENTARY *PÁTRIA EDUCADORA*, PRODUCED BY BRASIL PARALELO

**ABSTRACT:** We analyze, under the concepts of argumentation, the documentary *Pátria educadora*, made in 2020 by the producer Brasil Paralelo, in three episodes. We show the context that the film was produced. We verify initially that the documentary discusses the Brazilian educational structure, apparently with the finality of supporting the ideas of diverse groups called “Nova Direita” (New Right). In order to analyze the arguments, specific narrator's and interviewers' speeches were chosen and reproduced. We observed just the verbal aspects of the discourse and, for it, the theoretical fundamentals priority follows Fiorin (2018). With the selected enunciates and the comprehension of political context in the years of the videos was created is possible concluded that the documentary organize practicals of mobilization by the New Right, which were settled in the social medias. Besides, it is remarkable the appeal in order the viewers (the auditorium, according with the classical and new rhetoric) purchase products, mainly free courses by the digital platforms.

**KEYWORDS:** Argumentation. Rethoric. Documental. New Right. Brasil Paralelo.

---

<sup>1</sup> Os autores agradecem o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) pelo recebimento de bolsa do programa PIBIFSP, no ano de 2022.

\* Doutor em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Membro do Grupo de Pesquisa “Linguagem, Literatura e Educação” (CNPq) do Instituto Federal de São Paulo *campus* Campos do Jordão. Professor da Escola de Especialistas de Aeronáutica (EEAR). E-mail: hasmann.robson@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4003-6142>

\*\* Bacharel em Filosofia pela Faculdade de Dehoniana. Professor da Fundação Beneficente dos Servidores da Universidade de Taubaté (FUNCABES). E-mail: aragaodecarvalhogabriel@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9845-6588>

## Introdução

A emergência das mídias digitais nas últimas décadas possibilitou a organização de grupos de diferentes espectros políticos (que de modo amplo Norberto Bobbio (1995) conceituou de esquerda e direita), os quais utilizaram — e utilizam — as redes sociais para propagar suas ideias e assim conseguir cada vez mais seguidores e adesão das ideias que defendem<sup>2</sup>. No mesmo caminho se manifesta Rocha (2018, p. 17), segundo a qual “a formação de uma nova direita no Brasil se originou a partir da organização na internet de grupos de discussão e militância durante o auge do lulismo, entre 2006 e 2010.”<sup>3</sup> Por esse motivo, ao procurarmos compreender a atuação dos atores<sup>4</sup> em torno da educação, buscamos selecionar representantes que tenham atuado no universo virtual a fim de demonstrar seu descontentamento com a educação — ou até mesmo intervir nela.

Dentre os diversos atores, cuja mobilização ocorre por meio de canais do Youtube, grupos de Telegram e Whatsapp, clubes virtuais de leitura, cursos livres também na modalidade virtual, entre outros, está a produtora Brasil Paralelo. Fundada em 2016 por Filipe Valerim, Henrique Viana e Lucas Ferrugem, na cidade de Porto Alegre, em sua página na internet ela descreve sua “missão” da seguinte maneira: “Resgatar os bons valores, ideias e sentimentos no coração de todos os brasileiros”. (Brasil Paralelo, 2020a).

Em 2020, foi lançado pela produtora o documentário *Pátria educadora*, apresentado com esta sinopse:

Para entendermos o motivo de chegarmos às últimas posições em todos os rankings educacionais internacionais, é necessário darmos um passo para trás. Nesta jornada pela educação, trazemos conceitos, análises e denúncias sobre as diferentes ideologias e personagens que pensaram o sistema de ensino brasileiro. (Brasil Paralelo, 2020)

Poucas semanas após o lançamento, Zanini (2020) discutiu, na *Folha de S. Paulo*, o impacto do documentário no debate político daqueles anos. O articulista opina que há uma relação direta entre o documentário da produtora e o governo de Jair Bolsonaro, por isso a designa como a “nova trincheira do bolsonarismo”. Os proprietários da produtora questionaram, poucos dias depois, o artigo em uma *live*, com duração de quase três horas. Argumentavam que o vídeo não possuía nenhum viés político e que não estavam defendendo o então presidente.<sup>5</sup>

---

<sup>2</sup> No âmbito do mundo virtual, o termo “seguidores” nomeia o auditório a que se dirigem os “produtores de conteúdos”, “os influenciadores digitais” etc. A métrica do número de seguidores interessa às empresas de tecnologia para o anúncio de produtos e serviços.

<sup>3</sup> Além de Rocha (2018), recomendamos a leitura de Cepêda (2018) para se compreender a complexidade do debate político colocado sob a diáde direita-esquerda no contexto brasileiro e, sobretudo, o que certos grupos têm autodenominado “Nova Direita”.

<sup>4</sup> Tomamos emprestado o termo “atores” da semiótica greimasiana, uma vez que, de acordo com o referencial teórico em que nos baseamos, a retórica, a expressão “aquele que fala” ou simplesmente “orador” não expressa em sua totalidade a dimensão intencional que se pode observar no fenômeno linguístico sob estudo.

<sup>5</sup> Torna-se instigante e interessante para a continuidade de estudos analíticos sobre a ação da produtora para a Nova Direita que, ao longo da *live*, os proprietários da produtora não questionarem o fato de que, Zanini, para além de vincular a produção com o governo, afirmar que a análise da produtora era acertada, mas as respostas oferecidas, “rasas”.

Embora as “respostas” não estejam em nosso horizonte de análise, é importante sublinhar que, em nosso entendimento, a produtora Brasil Paralelo representou naquele contexto a culminância de um processo de criação de espaços virtuais que, até então, funcionavam ora como meios alternativos para discussão de ideias liberais e conservadoras, ora como meio de divulgação de produtos “educativos”; todavia, a partir desse documentário, quando Jair Bolsonaro já havia sido eleito, o formato de ação política se consolida.

Para a composição deste artigo, partimos de estudos sobre argumentação, em especial o de Fiorin (2018) para embasar a análise do discurso verbal do documentário. Nossa hipótese é que a discussão sobre a educação insere-se no debate político com o intuito de ocupar um local da educação formal, isto é, a escolarização, principalmente a que se realiza por meio de instituições públicas, de modo que, uma vez fragilizando o *locus* dessa educação, abra-se espaço para a oferta, via plataformas, para cursos livres oferecidos.

### **Retórica, argumentação e discurso**

Aristóteles, em escritos como *A Retórica*, *Organon* e *Tópicos*, estabeleceu as bases para compreendermos os processos argumentativos. Para ele, retórica e dialética são indissociáveis; a primeira é contraparte da segunda. A dialética, por sua vez, é um silogismo no qual as premissas são prováveis (Abbagnano, 2007). Assim, Aristóteles define a retórica como “a faculdade de observar, em cada caso, o que este encerra de próprio para criar a persuasão” (Aristóteles, 2019, p. 40).

Com o foco de observação colocado sobre a persuasão, o filósofo mostra que ela se manifesta de três maneiras. A primeira diz respeito à impressão que o orador passa para seu auditório (*ethos*); a segunda, vinculada ao estado de espírito do público, analisa quais emoções o discurso passa para os ouvintes (*pathos*); e, por fim, o terceiro tipo remete àquilo que o discurso é ou aparenta ser (*logos*) (Aristóteles, 2019).

Mesmo a retórica aristotélica tendo sido utilizada e estudada desde as Idades Antiga e Média, sua visão foi paulatinamente repensada, pois olhava apenas para o discurso falado. Com o livro *Tratado da Argumentação: A Nova Retórica*, de 1958, os pesquisadores belgas Lucie Olbrechts-Tyteca e Chaïm Perelman ampliaram esse ramo de estudo.

Eles desvinculam a argumentação da lógica clássica, pois, “o campo da argumentação é o do verossímil, do plausível, do provável, na medida em que este último escapa às certezas do cálculo” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 1996, p. 1). A lógica formal até então objetivava “alcançar a validade universal, utilizando-se de regras unívocas, as quais permitem atingir a certeza evidente e, assim, chegar a uma conclusão indiscutível”. (Silveira, 2015, p. 76). Com a nova retórica, a racionalidade deixa de se restringir aos padrões matemáticos clássicos da lógica formal e abre espaço para o reconhecimento de racionalidades diversas.

Dessa forma, podemos entender que esta nova retórica evidenciará aquilo que Aristóteles compreendia por dialética: estrutura de raciocínio em que as premissas do silogismo são prováveis, sendo o provável “o que parece aceitável a todos, à maioria ou aos sábios, e, entre estes, a todos, à maioria ou aos mais notáveis e ilustres.” (Abbagnano, 2007, p. 282).

Uma segunda contribuição de Perelman e Tyteca diz respeito à centralidade do auditório na prática discursiva. Enquanto na retórica clássica a figura do orador estava em destaque, o considera que “é em função de um auditório que qualquer argumentação se desenvolve” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 1996, p. 6).

### *Conceitos para uma análise argumentativa*

Contextualizada as bases do que estamos compreendendo como retórica, focaremos nas estratégias argumentativas. Nesse sentido, Marcus Sacrini (2016, p. 15) define argumentação como “estruturas discursivas por meio das quais se justifica uma tese que por si só não é evidente”. A falta de evidência pertence ao campo da possibilidade, do provável. O argumento, nesse sentido, é constituído de três elementos: uma conclusão (ou tese), premissas (que são as justificativas para se aceitar a conclusão) e a inferência (o movimento que liga as premissas à conclusão) (Sacrini, 2016). Os argumentos são sempre direcionados a alguém, que como em Aristóteles, Perelman e Tyteca, dá-se o nome de público ou auditório.

Tal concepção do argumento construído com base em três elementos remonta a como um silogismo clássico é estruturado: duas ou mais premissas (geralmente uma premissa maior e uma menor) que sustentam uma conclusão, a qual “decorre necessariamente das premissas colocadas, ou seja, sendo verdadeiras as premissas, a conclusão não pode não ser válida”. (Fiorin, 2018, p. 17)

No entanto, há outro tipo de raciocínio muito mais próximo do cotidiano que é o “raciocínio preferível”. Nele, a “conclusão é possível, provável, plausível, mas não necessariamente verdadeira, porque as premissas sobre as quais ela se assenta não são logicamente verdadeiras”. Por exemplo: “Todo professor é dedicado. Ora, André é professor. Logo, André é dedicado” (Fiorin, 2018, p. 17). Em comum nesses raciocínios está o fato de que as premissas sustentam a tese, ou a conclusão, por meio de inferências. Através de movimentos inferenciais é que as premissas podem sustentar as teses. De forma geral, segundo Fiorin (2018, p. 31),

*Inferência* é a operação pela qual se admite como correta uma proposição em virtude de sua ligação (por implicação, por generalização ou mesmo, segundo alguns autores, por analogia) com outras proposições consideradas verdadeiras. O raciocínio inferencial pode estar ou não expresso integralmente no texto.

Seguindo essa linha, o autor classifica tipos de inferências: as de ordem lógica, semântica e pragmática. As de ordem lógica são aquelas do silogismo, em que premissas aceitas como verdadeiras

levam necessariamente a uma conclusão verdadeira. Já as de ordem semântica são aquelas cujos significados se constroem com base apenas nas palavras ou expressões postas, sem consideração das possíveis nuances do contexto ou da subjetividade do interlocutor. Quando se diz “Depois deste governo, o país parou de crescer”, pressupõe-se que antes o país em questão estava em crescimento (Fiorin, 2018). Por fim, as inferências de ordem pragmática são aquelas derivadas

de regras do uso da linguagem. Quando se diz *A bandeira paulista tem 13 listras*” isso significa que ela tem 13 e não mais de 13 e, portanto, 13, já que uma bandeira que tem, por exemplo, 14 listras tem também 13. Essa conclusão decorre de que um princípio conversacional é que o falante deve dar a informação mais forte de que dispõe. (Fiorin, 2018, p. 32 — itálico no original).

Dentro de cada uma dessas ordens de inferência, há processos que as compõe. No entanto, como sabemos, numa comunicação, há muitos conteúdos implícitos “marcados no enunciado ou na situação de comunicação, que apreendemos ao fazer inferências. Os conteúdos implícitos podem ser pressupostos e subentendidos”. (Fiorin, 2018, p. 37).

*Posto* são aqueles conteúdos que estão explícitos, enquanto que *pressuposto*, os conteúdos implícitos que são desencadeados pela formulação do enunciado. Vejamos um exemplo que o autor (Fiorin, 2018, p. 37) fornece: “Quando se diz *Os fiscais da prefeitura continuam cobrando propina*, o conteúdo posto é o de que atualmente eles cobram propina e o conteúdo pressuposto, derivado do uso do verbo *continuar*, é o de que eles já cobravam propina anteriormente.”

O uso de pressupostos é um forte recurso argumentativo que visa a induzir o auditório a aceitar as informações que estão postas nos textos: “Introduzir um ponto de vista, sob a forma de pressuposto torna o interlocutor cúmplice da perspectiva do enunciador, pois o que é pressuposto não está em discussão, é apresentado como certo” (Fiorin, 2018, p. 37). Certamente, não desejamos identificar no exemplo acima a eficácia argumentativa, mas sublinhar como o pressuposto, enquanto dispositivo analítico, mobiliza significados possíveis a fim de se fazer valer em um processo persuasivo. Poderia ser falso que os fiscais cobrassem propina, mas, ao jogar com as palavras de modo a tornar o que está posto como verdadeiro, verificamos como a argumentação, enquanto fenômeno linguístico, se manifesta para conseguir adesão automática de um eventual auditório.

Da forma como são usados numa argumentação, pode-se considerar que os pressupostos são “blindados” à negação. Isso não significa que não possam ser negados, mas que isso impede o prosseguimento da argumentação.

Além do pressuposto como um dos possíveis casos em que ocorre a adesão devido àquilo que está implícito, há também conteúdos subentendidos. A compreensão das informações subentendidas depende do contexto no qual a comunicação é feita, pois aqui, diferentemente da anterior, não existem marcadores que possibilitam sua identificação. Posto isso, outro fator que diferencia pressuposto e subentendido é que o primeiro depende do orador e o segundo depende apenas da compreensão do

auditório, podendo o orador dizer algo sem se comprometer, podendo sugerir com tal comunicação algum significado oculto.

### *Alguns modelos argumentativos*

Estabelecidas algumas das principais concepções sobre a argumentação, nos detemos em reconhecer algumas formas argumentativas comuns que aparecem no *corpus* selecionado. Focaremos nos argumentos *quase lógicos*. Um argumento *lógico* é aquele que se encontra no silogismo clássico, pois, se aceitas suas premissas, sua conclusão será necessariamente verdadeira. Já os argumentos *quase lógicos* encontram-se no campo da argumentação, ou seja, na retórica. Emulam os modelos lógicos, isto é, organizam-se “com base nos princípios da não contradição, da identidade, da reciprocidade, da transitividade, da inclusão, da divisão e da comparação de quantidades” (Fiorin, 2018, p.116).

O primeiro tipo quase lógico de argumento que comentaremos é a *definição*. Em termos gerais, definir é responder à pergunta: “o que é tal coisa?”. Fiorin (2018) estabelece que tais argumentos são quase lógicos, pois há diferentes maneiras de se definir um objeto. Citando um documento da Igreja Católica sobre o catecismo, ele afirma que uma delas é a forma intensional, em que se “estabelece[m] as propriedades caracterizadoras de um objeto: por exemplo, as virtudes cardeais são ‘as que agrupam todas as demais e constituem os eixos de uma vida virtuosa’” Usando o mesmo documento, ele apresenta outra maneira, a extensional, por meio da qual se “explicita[m] os elementos que constituem um objeto, isto é, os indivíduos de um dado conjunto: por exemplo, as ‘virtudes cardeais são a prudência, a justiça, a fortaleza e a temperança’” (Fiorin, 2018, p. 118).

Outra maneira de se definir um objeto é aproximando ou diferenciando-o de outro. É a comparação. Embora essa estratégia argumentativa seja bastante utilizada, ela pode levar a falsas equivalências.

Já os argumentos de inclusão e divisão são aqueles que se utilizam da parte e do todo para serem construídos.

Essa transferência pode criar argumentos válidos chamados de divisão, quando se atribui uma propriedade de uma ou de cada parte ao todo, o que vale para as partes vale para o todo (*As peças dessa máquina são de aço: logo, essa máquina é de aço*), ou de inclusão, quando se considera que uma parte tem as mesmas características do todo, ou seja, o que vale para o todo vale para as partes (*O corpo é um organismo vivo; ora, o coração faz parte desse organismo: portanto, o coração é vivo*). (Fiorin, 2018, p. 128 — itálico no original).

Há também dois modelos argumentativos que trabalham a identidade e as semelhanças das situações: *argumento a pari* e os de *regra do precedente*. Os primeiros são aqueles que dizem que “casos semelhantes têm que ter um tratamento semelhante” (Fiorin, 2018, p. 132). Já a regra do precedente é aquela utilizada, por exemplo, na composição de leis. Assim, se em um caso particular foi julgado de tal

forma, os próximos, por isonomia, serão tratados de forma igual, pois o primeiro abriu um precedente jurídico para que todos os casos sejam tratados iguais.

Outro tipo de argumentação que por si só “se devora” é denominado *autofagia*.

Um exemplo de autofagia é o chamado paradoxo de Epimênides, que aparece citado até na Epístola de São Paulo a Tito (1, 12). Um cretense disse que todos os cretenses são mentirosos. Se os cretenses sempre são mentirosos, quando um cretense diz que os cretenses são sempre mentirosos, então essa afirmação não é verdadeira (Fiorin, 2018, p. 141).

Funcionando como contra-argumentação da autofagia, está a *retorsão*. Ela coloca em evidência o próprio argumento que destruiu. No exemplo citado, “quando um cretense diz que os cretenses são sempre mentirosos, então essa afirmação não é verdadeira” (Fiorin, 2018, p. 141) está retorquindo a afirmação do cretense.

Outra forma argumentativa muito conhecida é a *redução ao absurdo*. Esse tipo de argumento deriva da contradição de uma premissa. Por exemplo, quando se diz que “Nada existe” pode-se contra-argumentar “Então, você nada disse acerca da existência. Ora, é evidente que você acabou de dizer alguma coisa. Se nada existe, você não disse o que disse. Portanto, é falso que nada existe.” (Fiorin, 2018, p. 26). Neste tipo de argumentação, considera-se uma proposição verdadeira, para que assim se tirem dela conclusões absurdas. Poderíamos, por exemplo, realizar o seguinte argumento: Hitler, o líder nazista, era vegetariano. Logo, todo vegetariano é nazista. Como se percebe, a conexão beira o riso.

Por fim, sendo um dos princípios da lógica, o *terceiro excluído* gera um tipo de argumento em que apenas duas posições (geralmente antagônicas) são válidas, sem espaço para uma terceira posição. Por exemplo, na própria definição de Bobbio sobre Esquerda e Direita, define-se que essas posições são antitéticas e excludentes entre si, de forma que “nenhuma doutrina ou nenhum movimento pode ser simultaneamente de direita e de esquerda” (Bobbio, 1995, p. 31).

### Uma “nova retórica” de uma Nova Direita: a influência de Olavo de Carvalho

Ao estudarmos a respeito da Nova Direita no Brasil (CEPÊDA, 2018), o nome de Olavo de Carvalho surge como um grande influenciador de pautas principalmente conservadoras, mas seu papel transcende o de mero encorajador do neoconservadorismo, pois suas ideias e principalmente seu método argumentativo para defender e difundir-las foram apropriados por outros influenciadores da Nova Direita, como é o caso da Brasil Paralelo.

É marcante a presença de Olavo no documentário *Pátria Educadora* dessa produtora. Sua imagem tem 19 aparições durante os três episódios, sempre a fim de corroborar as teses que estão sendo apresentadas.

Os mecanismos que regem a retórica olavista foram investigados pelo *youtuber* Gustavo Machado, do canal *Orientação Marxista* com o vídeo “Por que é Impossível refutar Olavo de Carvalho?” e com o artigo “Quem foi Olavo de Carvalho e as raízes de sua influência” (2022).

De forma sintética, sua estrutura argumentativa possui três elementos principais: 1. Apresentação de uma tese geral, que pode ser facilmente explicada e absorvida pelo auditório; 2. Para sustentar essa tese, diversos fatos, direta ou indiretamente relacionadas, são mencionados como prova material da validade; 3. Antídoto às possíveis refutações à tese. Vejamos o exemplo que Gustavo Machado nos fornece em seu artigo:

As FARC participaram do Foro de São Paulo, o PT também. As FARC estão envolvidas com o tráfico de droga. Logo, todos são financiados pelo tráfico de drogas e o objetivo é destruir a família, os valores cristãos e ocidentais com a generalização das drogas. Não é possível demonstrar rigorosamente o nexos entre uma coisa e outra, pois tal nexos emana do núcleo secreto do *Foro de São Paulo* (MACHADO, s/p, 2022)

Nesse exemplo, a prova da existência do Foro de São Paulo é evidenciada, paradoxalmente, pela falta de provas de sua existência, afinal, ele se configura como uma organização secreta promovida pelo comunismo. Observemos: tanto o PT quanto as FARC são organizações que de fato existem, então, qualquer relação que se traça entre elas pode ser usada como prova da existência do Foro de São Paulo e de seus objetivos escusos. Então, para corroborar a tese do Foro de São Paulo, Olavo pode recorrer a notícias (geralmente de mídias com o ideário compatível com o seu) que narram acontecimentos, por exemplo: “houve um encontro de alguém do Partido dos Trabalhadores com algum membro (ou alguém relacionado às) das FARC”.

Segundo Machado (s/p, 2022), tais teses são irrefutáveis, pois em sua estrutura o antídoto já está presente:

Por último, as teses de Olavo são irrefutáveis porque tudo aquilo que poderia ser usado em sua refutação é interdito desde o começo. Dados de nenhum instituto oficial de pesquisa são aceitáveis, já que eles são controlados pelo Estado ou pelos grandes monopólios: todos partícipes da mesma estratégia globalista.

A partir desse panorama, o que se segue é uma análise do documentário em tela. Procuraremos explicitar as estruturas argumentativas, observando que tipos de argumentos e inferências são realizados e em que medida esses se alinham às técnicas da retórica “olavista”.

## A retórica de *Pátria educadora*

Passaremos agora a olhar para os três episódios do documentário *Pátria Educadora*. A versão objeto desta análise é a que se encontra gratuitamente no YouTube<sup>6</sup>. A plataforma anuncia que há uma “versão completa”, com mais tempo de duração, mas disponível apenas para assinantes. Interessante observar que somente pela assinatura se acessa a bibliografia. O ocultamento das fontes, dessa forma, pode ser considerado uma estratégia de convencimento, mas não das teses sobre os problemas educacionais do Brasil. O impacto persuasivo toca mais imediatamente o *marketing* para a venda de conteúdos e a adesão de assinantes da plataforma do que o tema em debate.

Os episódios oferecem explicações do narrador sobre os contextos históricos, legislação e recortes de entrevistas com especialistas no assunto para corroborar a tese. Antes de focarmos em cada episódio, chamamos à atenção ainda para um enunciado recorrente nos episódios. É o seguinte:

Nós temos muitos assuntos que precisamos tratar de forma urgente e dessa vez, se você não nos apoiar, corremos o risco de não poder continuar. Não é jogada de *marketing*. Estamos apenas sendo totalmente francos com vocês. Estamos lançando esses filmes de graça para população e você agora precisa fazer a sua parte. E nós chegamos no preço mínimo que poderíamos chegar, para que todos que gostam da Brasil Paralelo possam com apenas 10 reais, se tornarem membros assinantes. (Brasil Paralelo, 2020).

O discurso impõe-se de maneira sentimental (“estamos sendo francos”), altruísta (“nós chegamos no preço mínimo que poderíamos chegar”) e ao mesmo tempo apelativo (“você precisa fazer a sua parte”). Em suma, esses recursos buscam mobilizar o sentimento de dever, combinando assim com um argumento *a pari* (Fiorin, 2018), pois “se nós estamos fazendo nossa parte, você também precisa fazer a sua”, sendo que eles mesmos delimitam “a parte” que, espera-se caberá ao público. Finalmente, o baixo valor da assinatura surge como um argumento que referenda os aspectos o altruísmo e ajudaria a reforçar o apelo de *marketing*.

### *Para começo de história*

O primeiro episódio, “O Fim da História”, apresenta como se deram as bases educacionais do Ocidente, desde a antiguidade grega até a contemporaneidade. O intuito parece ser o de traçar um histórico do “ensino compulsório”, aquele que o Estado obriga os alunos a participarem, de modo a deixar subentendido que o Estado usa esse ensino para imbuir ideologias nocivas. Nesse sentido, usa-se o exemplo de como esse ensino foi usado para propagar a Reforma luterana: “As escolas eram vistas como poderosas armas de guerra cultural para enfrentamento político-religioso das diferentes

---

<sup>6</sup> Os acessos aos vídeos ocorreram no período de agosto a outubro de 2022.

ramificações do cristianismo” (Brasil Paralelo, 2020). Na mesma linha, sinaliza-se que, desde sua origem o “ensino compulsório” é autoritário, afinal, com o fim da Guerra dos 30 anos,

diversos governos estaduais se moveram para tornar obrigatório comparecimento das crianças nas escolas, sobre pena de multa e aprisionamento dos filhos. Foi o rei Frederico Guilherme da Prússia que inaugurou o primeiro sistema de Educação Nacional obrigatório da Europa, ordenando a frequência de todas as crianças nas escolas estatais (Brasil Paralelo, 2020).

Lembremos que há uma tendência da direita de ser mais libertária do que igualitária (Bobbio, 1995). Então, o fato de o “ensino compulsório” estatal ferir o direito à liberdade, tão caro a linhas de pensamentos alinhadas à direita, se faz bastante significativo e funciona como um bom argumento para persuadir o auditório adepto desta corrente de pensamento.

Seguindo essa argumentação sobre autoritarismo estatal, o documentário faz algumas considerações sobre a Revolução Francesa. Primeiro, é destacada a participação de Rousseau como alguém que rompeu com os métodos tradicionais de ensino das crianças. Nesse contexto, elas deveriam receber uma educação que as protegesse do falso moralismo da sociedade burguesa, que, segundo o autor, “corrompia as crianças”. Por isso, o narrador (Filipe Valerim) afirma:

Quando a Revolução Francesa aconteceu, essa mentalidade foi absorvida pelo estado revolucionário, que radicalizou a posição de Rousseau. O próprio Robespierre, líder revolucionário e ditador francês, admitiu ter o livro de Rousseau na cabeceira de sua cama. A ditadura francesa estabeleceu a instrução obrigatória para todos na Constituição e submeteu todas as escolas públicas ou privadas ao comando do governo. Ninguém podia abrir uma escola ou ensinar em público sem a licença da Universidade oficial. As escolas estavam obrigadas a ensinar de forma apologética as ideias de Rousseau e as dos líderes do governo revolucionário (Brasil Paralelo, 2020)

É interessante observar os termos utilizados para transmitir a ideia de autoritarismo, como é o caso de “radicalizou”, “ditador”, “instrução obrigatória”, “submeteu”, dentre outros. Todos esses marcadores visam a dar o efeito do caráter autoritário da Revolução Francesa, influência marcante em todo o ocidente na concepção da produtora.

Nessa esteira do autoritarismo, o documentário passa a abordar o fascismo. Conforme houve no início, são mostrados diversos trechos de reportagens sobre protestos de estudantes, ocorridos por volta do fim de 2018, contra o fascismo. O intuito é demonstrar que o fascismo se aparenta muito mais, ideológica e politicamente, com correntes de esquerda do que de direita. Inclusive, na concepção dos roteiristas, liberalismo, socialismo e fascismo nascem dos ideais da Revolução Francesa, correspondendo, para cada um desses, respectivamente, os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade. O documentário não avalia essa ilação, apesar de reconhecer as diferenças. No entanto, para falar de fascismo, essa diferenciação é logo rejeitada, pois, segundo o argumento de autoridade utilizado, Olavo de Carvalho,

essa origem ideológica do fascismo não possui nada a ver com o que ele de fato foi, afinal, “ele surge [...] de uma cisão dentro do movimento revolucionário” (Brasil Paralelo, 2020).

Para associar o movimento fascista ao comunismo, o entrevistado segue dizendo que “quem assumiu essa postura [revolucionária] foi o movimento comunista. Partindo do fim da segunda guerra, todo o movimento terceiro-mundista criado por Stalin usou exatamente este discurso: são as nações pobres contra as nações ricas” (Brasil Paralelo, 2020). Por fim, a associação recai no fato de que, para os autores, tanto fascismo quanto comunismo se utilizam de políticas estatizantes.

O argumento está ancorado na comparação, a qual alerta Fiorin (2018), pode levar a falsas equivalências, pois considera apenas algumas semelhanças entre os dois elementos, “deixando de lado diferenças fundamentais entre eles, como, por exemplo, o contexto histórico, quando se trata de aproximar acontecimentos” (Fiorin, 2018, p.124). É justamente assim que procede o documentário. Não se apresentam todos os elementos que caracterizavam tanto o fascismo quanto o comunismo, mas compara apenas o fato de os dois possuírem fortes políticas estatizantes, sem mencionar como eram feitas e que os objetivos não eram os mesmos. Portanto, a partir deste ponto fica estabelecido nos filmes que fascismo e comunismo estão alinhados ideologicamente, portanto, fascismo pode ser considerado “de esquerda”.

Por fim, para inserir o debate no campo educacional brasileiro, a “autoridade” de Olavo de Carvalho é mais uma vez trazida à baila: “Não é coincidência que a esquerda brasileira, o modelo, o ídolo era Getúlio Vargas. O Lula vive dizendo que o modelo dele foi o Getúlio Vargas. Então o que que é? Um fascista, evidentemente” (Brasil Paralelo, 2020). Concluimos que está subentendido o seguinte raciocínio: “Vargas era fascista. Lula, o representante da esquerda no Brasil, tinha como modelo Getúlio Vargas. Logo, Lula e a esquerda brasileira, são favoráveis ao fascismo”. Ora, a suposta fala de admiração de Lula a Vargas não implica que toda a esquerda brasileira tenha essa posição. Além disso, é necessário problematizar se Vargas era evidentemente fascista. Assim, de novo manifesta-se outra característica da retórica “olavista”: a falta de informações suficientes para corroborar a tese.

### *Pelas Barbas do Profeta*

O segundo episódio do documentário investe totalmente em desconstruir a figura de Paulo Freire em virtude de ele ser considerado o patrono da educação nacional. Começa pela descrição das mudanças que Getúlio Vargas propôs à educação brasileira. A autoridade no assunto, desta vez, é Thomas Giulliano, autor do livro *Desconstruindo Paulo Freire*. No vídeo, ele aparece explicando que na época do Estado Novo, a educação se construiu a partir de três linhas de pensamento: Católica, Comunista e Escola Nova. Fica bem estabelecido no filme que os objetivos da linha Católica era o retorno do ensino religioso e tradicional e que a Escola Nova tinha o objetivo de promover um ensino que preparasse o aluno para o mercado de trabalho, pois era derivada do pragmatismo norte-americano. No entanto, fica lacunar quais

eram as propostas pedagógicas comunistas. Destaca-se que “comunistas” faziam parte do Ministério da Educação.

Em síntese, o ponto que pretendem estabelecer nesse começo é: Vargas criou um modelo estatal e centralizador, que segue até hoje. Além disso, ao deixar propositalmente de mencionar como se deu o “projeto comunista” para a educação, novamente o documentário opta por deixar subentendidas as ideias.

O vídeo segue utilizando trechos da principal obra de Freire, *Pedagogia do Oprimido*. Procura mostrar que o educador perseguia uma revolução cultural muito semelhante (senão idêntica) àquela de caráter maoista da Revolução Chinesa. O diplomata Gustavo Maultasch traz trechos para corroborar tal tese:

E na página 233, que para mim é a frase, uma das frases mais macabras de Paulo Freire ele diz assim: “A revolução é biófila, é criadora de vida, ainda que, para criá-la, seja obrigada a deter vidas que proíbem a vida”. Então a revolução ama vida, mas de vez em quando você precisa tirar umas vidas. Mas não é qualquer, só a que proíbe a vida. E quem vai dizer? A revolução. (Brasil Paralelo, 2020)

O diplomata parece querer demonstrar que a revolução defendida por Paulo Freire é perigosa e que o pedagogo defende assassinatos para atingi-la. Entretanto, trata-se apenas de uma interpretação de um trecho isolado da obra. Podemos, então, compreender este trecho como um exemplo de argumento *ad baculum*, pois neste “o enunciador força o enunciatório a aceitar sua proposta, recorrendo a uma ameaça, a uma proibição, a um valor negativo” (Fiorin, 2018, p.227). Ora, o que propõe Maultash é que “Paulo Freire é favorável a se retirar vidas em nome da revolução”, sendo que o valor negativo apelado é o assassinato. Porém, em nenhum momento do documentário, existe sequer a sugestão de que o pedagogo influenciou o governo a matar pessoas, principalmente dentro de escolas.

Pouco mais adiante, o foco é mostrar a relação de Freire com Che Guevara, que de fato é mencionado em *Pedagogia do Oprimido*. Selecionamos uma fala de Thomas Giuliano para ilustrar:

Para Paulo Freire, todavia, Che Guevara foi definido como sinônimo de amor. Isso é muito interessante, porque ele, com uma formação católica, ele sabia muito bem, que ele não era ignorante nesse aspecto, que Deus se definiu como amor. Nós vamos encontrar numa das Cartas a João que Deus se define como amor. Se Che Guevara é sinônimo de amor, logo Che Guevara é sinônimo de Deus para Paulo Freire. (Brasil Paralelo, 2020)

O que Giuliano faz neste trecho é a chamada falácia do espantalho, em que a fala do adversário é distorcida para se conseguir refutá-la. Segundo Marcus Sacchini (2016, p. 239), esse expediente retórico é

um tipo de falácia que ocorre em discussões argumentativas. O arguidor R defende a posição X, e o arguidor S reconstrói X de maneira simplificada (X'), assim refutando-a de modo mais fácil. Ocorre que refutar uma versão mais frágil da posição em questão (X') é claramente irrelevante para a discussão da verdade ou falsidade da posição X

original. É como enfrentar um espantalho em vez de se embater com um adversário real.

Giulliano segue essa estrutura, mas notemos que seu objetivo não é refutar prontamente Freire, mas apenas de criar seu espantalho, que será utilizado no resto do documentário. Essa falácia é tão frágil que, com apenas uma redução ao absurdo ela pode ser refutada. Por exemplo: Se Che Guevara é sinônimo de Deus para Paulo Freire e Freire conhecia o ditado popular que “Deus é cego”, logo, para Paulo Freire, Che Guevara era cego. Seguimos exatamente a lógica de Thomas Giulliano para montar este argumento e apenas por sua estrutura, sem verificar o que de fato pensava Freire. Notamos, pois, mais uma vez, que o argumento não se sustenta.

O documentário segue associando Freire a Mao Tsé-Tung e a Guevara, mas não estabelece a relação entre os dois. Aparentemente, Freire absorve os dois, mas a primazia fica com Mao, afinal, como o narrador (Filipe Valerim) resume: “As intenções da revolução cultural chinesa estavam expressas na pedagogia de Paulo Freire, que buscava transformar as escolas em um ambiente de consciência revolucionária” (Brasil Paralelo, 2020).

O jornalista Percival Puggina, em um momento do documentário está comentando a ida de Freire a Harvard, demonstrando uma certa indignação com o que ocorre:

Ele foi aos Estados Unidos, em Harvard, e dessa experiência de 1 ano, numa das duas melhores universidades norte-americanas, ele se refere a ela dizendo que esteve na “toca do bicho”. Como pode ser educador uma pessoa que visita uma universidade como Harvard e diz que esteve na toca do bicho? Como que uma pessoa com esta capaci... Incapacidade de ver a realidade, de reconhecer aquilo que é bom, aquilo que produz bom resultado, aquilo que agrega conhecimento e continua vendo educação com os mesmos olhos? E chama de “toca do bicho”, como se ali estivesse o fator de destruição do quê, Paulo Freire? Do quê? (Brasil Paralelo, 2020)

Este é um claro exemplo de argumento *ad hominem*, em que “não se discutem os méritos intrínsecos do ponto de vista ou da dúvida do oponente, mas se desqualifica o adversário como interlocutor sério” (Fiorin, 2018, p.171). Em outras palavras, é um ataque pessoal e não direcionado àquilo que o adversário está defendendo. Outros exemplos ocorrem ao longo do documentário, mas cremos ser este um do que melhor representa bem essa técnica.

### *Guerra contra a inteligência*

Encerrando a trilogia, “Guerra contra a inteligência” aborda os problemas educacionais de um Brasil atual, levando em conta tudo aquilo que foi estabelecido nos episódios anteriores. Neste capítulo, segundo o vídeo, pretende-se fazer a “denúncia mais contundente que já foi feita à educação brasileira”. (Brasil Paralelo, 2020).

Baseando-se em indicadores internacionais, como o do PISA e outros que não ficam claros, parte-se do princípio de que o sistema educacional brasileiro é uma das piores educações do mundo. A raiz do problema atual recairia em Paulo Freire e seus discípulos que, após a Constituinte, aprovaram a atual Lei de Diretrizes e Bases (LDB). Além disso, o suposto fracasso ter-se-ia originado com o governo do Partido dos Trabalhadores, que esteve no poder de 2003 a 2016.

O primeiro problema apontado pelo documentário é o dos investimentos na educação, os quais, segundo se apresenta, concentra a maior parte no ensino superior. Mesmo com esse alto investimento a qualidade do ensino superior é também questionada (novamente por entrevista a Olavo de Carvalho) mostrando que as produções científicas brasileiras não são relevantes mundialmente.

A esse respeito, Marcelo Hermes (Professor e presidente do DPL — Docentes pela Liberdade) cita alguns dados de *rankings* internacionais, chamando atenção para um que classifica a USP (Universidade de São Paulo) como a oitava melhor universidade. No entanto, Hermes questiona esta posição com outro *ranking* onde a USP entra-se na posição de 710º lugar. O problema dessa afirmação é que nem na fala de Hermes e nem no vídeo aparece alguma indicação de quais *rankings* de fato são estes. Então, podemos compreender que se trata de um argumento de autoridade, em que por ser (aparentemente) um especialista no assunto.

Na linha de pensamento do problema das universidades, surge outra que diz que os profissionais que saem dela saem malformados, incluindo os professores. Flávio Morgenstern afirma que “o maior problema é que nós tivemos professores malformados e esses professores não estão capacitados para nos levar a um novo salto intelectual, um novo salto de qualidade na formação de aluno”. (Brasil Paralelo, 2020). Destacamos esse trecho, pois o uso da expressão “um novo salto” pressupõe que houve outros saltos intelectuais e de formação de aluno, mesmo que Morgenstern não dê nenhuma indicação de quais teriam sido.

No documentário, o investimento no ensino universitário seria uma forma de produzir “esquerdistas” para atuarem a favor do governo petista. Como coloca Fernando Conrado:

[Os professores de universidades federais] chamam os bolsistas que têm uma visão ideológica igual a deles. Então, quando eles passam num processo, constante, acadêmico de passar novas etapas, numa pós-graduação, mestrado e doutorado, só vai retroalimentando essa mesma cadeia de formação. Pessoas que têm essa mesma narrativa, essa mesma visão de mundo. E aí eles se tornam professores daqueles mesmos alunos que estão chegando lá embaixo (Brasil Paralelo, 2020)

Em outras palavras, o raciocínio poderia ser assim apresentado: “Os professores das universidades são, em sua maioria, esquerdistas, e esses só escolhem alunos esquerdistas para serem seus orientandos. Ora, esses orientandos eventualmente ocuparão os lugares desses professores, escolhendo dessa forma apenas orientadores esquerdistas. Logo, a ideologia de esquerda perpetua-se nas universidades”.

É a partir desse raciocínio que o tema da doutrinação de esquerda nas escolas começa a ser delineado. Segundo a Brasil Paralelo, um dos vetores de disseminação da ideologia esquerdista na escola são os livros didáticos que são escolhidos por critérios puramente ideológicos pelo MEC. Nesse assunto, a professora Sandra Ramos dá o exemplo do livro *O Cobrador*, no qual haveria uma cena de estupro. Não convém reproduzir a fala completa de Ramos, mas focaremos em seu começo:

Nem sempre os professores têm aquele cuidado de fazer uma seleção, lendo realmente a obra. [...] para onde ele vai [sic]? Ele vai lá para metodologia, então vamos selecionar uma coleção que traga sobre construtivismo. E aí o professor vai lá na metodologia dá uma olhadinha e tal, mas ele não lê o livro. Ele não vê a obra toda. E aí ele seleciona e ele vem impregnado de ideologia. Não só ideologia de gênero, ideologia política tem demais, né? A escola adotou aquele livro paradidático, as crianças estão lendo e de repente uma mãe se dá conta de que na obra existe a descrição de um estupro. (Brasil Paralelo, 2020)

O que pode ser observado nesse trecho é a sutil mudança de assunto que Sandra faz em seu momento de fala: começa falando de livros didáticos e termina, sem dar uma indicação clara de mudança de assunto, abordando livros paradidáticos. Para o auditório leigo no assunto, dá-se a entender que são sinônimos, embora sejam diferentes. É criada uma pequena confusão que serve para que seu discurso futuro seja mais bem-aceito. Além disso, toda descrição do estupro narrado no livro, e das próximas descrições que Sandra Ramos faz de atividades e livros sobre educação sexual, pretende construir um discurso *ad baculum*, que Sandra complementa posteriormente com a fala: “Essa foi a herança do PT, os livros didáticos já estão na escola” (Brasil Paralelo, 2020). É preciso lembrar que durante os anos 2018 e 2022, a distribuição de livros didáticos esteve suspensa sob a justificativa da necessidade de “revisão”. Portanto, quando teriam chegado esses livros de que fala a autora?

Situada essa doutrinação esquerdista que ocorreria nas escolas e universidades, o documentário busca comover os espectadores sobre os “estragos” que tal ideologia causa nos alunos. Um exemplo emblemático é narrado por Rafael Nogueira, ex-presidente da Biblioteca Nacional:

Mães que já chegaram pra mim com olhos marejados dizendo “perdi minha filha”. Ai, como assim, né? “Perdi minha filha pro partido, pra esses movimentos que tão acontecendo aí”. Movimentos ligados a partidos políticos e são transformados em grêmios estudantis e coisas assim (Brasil Paralelo, 2020)

Essa fala é um exemplo muito potente de argumento *ad misericordiam*, ou seja, o apelo “para a piedade”, em que se “explora o sentimento de culpa, a simpatia por alguém ou por uma causa” (Fiorin, 2018, p. 225).

O próximo grande assunto é a BNCC (Base Nacional Comum Curricular). A película constrói uma narrativa em que a Base se assentaria na ideologia de esquerda, dentre as quais, a ideologia

de gênero.<sup>7</sup> Para tal fim, o narrador explora alguns elementos da matriz curricular, mostrando diversos elementos que poderiam ser considerados alinhados à esquerda, tais como:

observamos algo inusitado: dois tópicos falando sobre o papel dos movimentos sociais no processo de impeachment de Fernando Collor e Dilma Rousseff. [...] A palavra impeachment, para o caso de Dilma, está entre aspas. O que os autores do currículo querem dizer com isso? (Brasil Paralelo, 2020)

A pergunta retórica configura-se como recurso para sugerir que, ao utilizar aspas no termo *impeachment* no processo sofrido por Dilma, os autores do currículo comum (nunca mencionados) discordariam do termo. Ocorre que, nesse caso em particular, devido a inúmeros fatores que não se encaixam no escopo deste trabalho, o processo da ex-presidente possui variadas leituras e significados para a historiografia e a sociologia. No entanto, realmente problemático naquele ponto do vídeo é modo de sustentar a opinião, pois em todo trecho que expõe a opinião de Valerim mostra-se não o documento ou a página oficial da BNCC, mas sim, o *site* “BNCC na prática”, pertencente à empresa SOMOS Educação. Dessa forma, novamente o recurso aqui usado é uma falácia.

Por fim, o documentário se encerra com a polêmica entre métodos globais e fônicos de alfabetização, apontando que o método global, aquele também utilizado por Paulo Freire, é o principal motivo da baixa alfabetização no país e da permanência de analfabetos funcionais.

Para finalizar, chamamos a atenção para uma fala de Olavo de Carvalho, na qual afirma que

A burrice brasileira é uma coisa que nunca aconteceu no mundo. Você pega um país que durante 50 anos não produz uma obra literatura notável, nenhuma! Isso nunca aconteceu! Não aconteceu na Zâmbia, não aconteceu na Serra Leoa, não aconteceu na Alemanha nazista, não aconteceu na União Soviética, não aconteceu em lugar nenhum, só no Brasil, porra! E esse é o problema, o problema do Brasil não é comunismo, esquerdismo; é essa degradação intelectual, espiritual, humana horrível (Brasil Paralelo, 2020)

A fala contradiz todo o contexto de culpabilização do chamado esquerdismo que os capítulos anteriores e o atual estabelece. Dessa forma, não fica clara qual foi a intenção dos produtores ao inserir tal fala no documentário.

## Considerações finais

Os pontos que analisamos da retórica argumentativa utilizada pela produtora Brasil Paralelo no documentário *Pátria educadora* expõe, em menor relevância, certa origem e, principalmente, as lacunas, as incoerências e os interesses do discurso chamado “de direita” nos últimos anos.

---

<sup>7</sup> Inúmeros pesquisadores demonstram que vários grupos do espectro Nova Direita (bancos, institutos, Organizações Sociais etc.) atuaram diretamente para a confecção da Base Curricular Comum Nacional. Dentre os estudos, verificar Bruno Antonio Picoli (2020), presente nas Referências.

Procuramos demonstrar, previamente à análise, o papel das mídias digitais para a ascensão, conforme Rocha (2018). Destacamos, ainda, a presença da retórica de Olavo de Carvalho, influenciador digital que, desde antes das Jornadas de 2013, produzia vídeos em que “ensinava” a debater de maneira agressiva e arrogante a fim de dismantelar o que ele considerava o “*status quo* esquerdista” na política, na cultura em geral e, principalmente, na educação.

A partir da constatação desses elementos marcantes para a efervescência do que atingiria seu auge com a eleição de Jair Bolsonaro em 2018, expusemos diversos expedientes retóricos (Fiorin, 2018) com o intuito de verificar o grau de veracidade dos argumentos no documentário que foi objeto de análise. Assim, uma vez observada predominantemente a parte verbal do discurso, pudemos identificar algumas estratégias. A primeira delas é a generalização. A apresentação histórica, a contextualização, a comunicação de dados e fatos é tomada sempre de forma panorâmica. Um exemplo é a ausência de Fernando Haddad, ex-ministro da Educação que mais ocupou o cargo em toda a história do Ministério. Em contrapartida, a presença de Abraham Weintraub, que era o ministro naquele momento (bem como alguns de seus secretários), é recorrente e perde apenas para o número de aparições de Olavo de Carvalho. A essas estratégias iniciais decorrem associações igualmente genéricas, com pouquíssimo cuidado analítico. A aproximação de Getúlio Vargas e Lula da Silva como governos “esquerdistas”, com intenções fascistas, é um dos exemplos mais emblemáticos.

Outro recurso presente para convencer o auditório é o deslocamento do tema central, os problemas da educação, para a tentativa de associar os problemas apenas às políticas engendradas no período em que o Partido dos Trabalhadores esteve no governo. Nesse sentido, o documentário assume, ainda que implicitamente, a parcialidade. A propósito, a escolha do título da trilogia é um *troço* de linguagem com o *slogan* do primeiro governo Dilma Rousseff. Portanto, mais do que fazer a “denúncia mais contundente que já foi feita à educação brasileira” (Brasil Paralelo, 2020), a Brasil Paralelo cria um *ethos* discurso de que apenas ela tem algo “verdadeiro” para apresentar sobre a educação brasileira, mesmo que nenhum dos roteiristas e a maioria dos entrevistados tenha de fato tradição em pesquisa nem conhecimento do cotidiano escolar e do complexo e variado sistema em que se organiza a educação nacional.

Por fim, enfatizamos que a prática de se colocar como a detentora da verdade e mártir. O raciocínio implícito que depreendemos a partir das análises que apresentamos acima envolve inúmeras lacunas. A premissa é que o governo, o qual seria o responsável pela degradação da educação, esconde a verdade. Logo, é preciso apresentá-la, mas ela tem um custo, o qual a produtora assumiu. Nesse sentido, a produtora precisaria de ajuda para continuar a “guerra” para desbravar esse caminho complexo que é o sistema educativo brasileiro. Nessa esteira, a venda de cursos e a assinatura da plataforma assumem a dianteira dos fins últimos da produção dos conteúdos.

**REFERÊNCIAS**

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. 5ª.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução Edson Bini. São Paulo. Edipro, 2019.

BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda**: razões e significados de uma distinção política. 2.ed. Tradução Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Editora da Unesp, 1995.

BRASIL PARALELO. **Sobre nós**. 2020a. Disponível em: <[https://www.brasilparalelo.com.br/o-que-e-a-brasil-paralelo?utm\\_medium=home](https://www.brasilparalelo.com.br/o-que-e-a-brasil-paralelo?utm_medium=home)>. Acesso em: 30 mar 2021.

BRASIL PARALELO. **Pátria educadora**. Youtube. 3 vídeos (270 min). 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yJunMvIFtXI>>. Acesso em: 11 maio 2021.

CEPÊDA, Vera A. A Nova Direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, Londrina, 23 (2), 40–74, 2018. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/34801>. Acesso em: 15 mar. 2021.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. Campinas: São Paulo, 2018.

MACHADO, Gustavo. Quem foi Olavo de Carvalho e raízes de sua influência. 2022. Disponível em: <<https://www.pstu.org.br/quem-foi-olavo-de-carvalho-e-as-raizes-de-sua-influencia/>>.

PERELMAN, Chaim.; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. Tradução Maria Ermantita Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PICOLI, Bruno Antonio. Base Nacional Comum Curricular e o canto da sereia da educação normalizante: a articulação neoliberal-neoconservadora e o dever ético-estético da resistência. **Revista de estudos teóricos y epistemológicos en política educativa**, 5, 1-23, 2020. Disponível em: <<https://www.revistas2.uepg.br/index.php/retepe>>.

ROCHA, Camila. **“Menos Marx, mais Mises”**: uma gênese da nova direita brasileira (2006-2008). Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP. 232f. 2018.

SACRINI, Marcus. **Introdução à análise argumentativa**: teoria e prática. São Paulo: Paulus, 2016.

SILVEIRA, Regina Yara Martinelli da. Retórica antiga e nova retórica: Chaïm Perelman e os sofistas. **Reflexão**, 31(89), 2015. Recuperado de <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reflexao/article/view/3101>. Acesso em: 14 set. 2022.

ZANINI, Fábio. Trilogia sobre educação mostra nova trincheira do bolsonarismo contra esquerda. **Folha de S. Paulo**. 5 abr. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/trilogia-sobre-educacao-mostra-nova-trincheira-do-bolsonarismo-contra-esquerda.shtml>>. Acesso em: 7 abr. 2020.

*Recebido em: 21 de agosto de 2024.  
Aprovado em: 25 de março de 2025.*